

Ildefonso, o cágado com sorte.

Uma história de Fernando Évora

Vou contar-vos a história do Ildefonso.

Ildefonso vivia num charco temporário da Costa Alentejana. Num dos mais belos charcos temporários da Costa Alentejana. Ildefonso e o seu grande amigo Desidério. Eram dois cágados-de-carapaça-estriada que desabrocharam pertinho da Longueira, num dia meio embrulhado com cheiro a terra molhada.

Foi em Outubro, quando estes charcos voltam a encher com a água das primeiras chuvas de outono e a vida aquática reaparece rapidamente como que por encanto. Primeiro aparecem vários tipos de insetos, sapos e rãs que começam por colocar os ovos nas águas turvas. As plantas germinam das sementes enterradas, povoando a superfície do charco com pequenas flores brancas a que chamamos borboletas-de-água. Aqui e ali vêem-se libelinhas e libélulas a cirandar, que nos fazem lembrar pequenas fadinhas espalhando magia. No fundo do charco há uns ovinhos mais resistentes chamados cistos, que já lá estão desde o ano anterior e dos quais nasce um petisco muito apreciado por estes dois amigos: o camarão-fada. Ildefonso e Desidério gostavam de nadar até ao meio do charco e dar grandes mergulhos para caçar estes pequenos camarões de água doce. Desde o nascer do sol até ao início da tarde, os amigos nadavam de cá para lá, de uma ponta à outra do charco, trincavam juntos os camarões-fada e até faziam concursos para ver quem apanhava mais. Depois, quando o sol mais aquecia, subiam para cima de uma pedra e punham-se a apanhar sol e a falar sobre a vida. É que talvez não se saiba, mas os cágados são grandes filósofos que gostam de falar sobre a vida.

Aqueles dois amigos gostavam mesmo era de jogar ao suponhamos. Um dizia "Suponhamos que amanhã chove muito..." e o outro completava "então o charco ficava mais cheio e nós daríamos grandes mergulhos". E depois o segundo propunha "Suponhamos que o inverno vai ser muito frio..." o outro respondia "...então teríamos que escavar uns buracos para hibernar e esperar que o frio passasse". E assim continuavam a falar e a jogar ao suponhamos. Só havia uma coisa que tinham muito medo: era se algum dizia "Suponhamos que ficamos de pernas para o ar"... aí o outro calava-se e ficavam os dois muito tristes, que isso seria mesmo uma desgraça, que poderia fazer um cágado de pernas para o ar?

Na Costa Alentejana os invernos não são assim tão rigorosos mas a vida dos cágados pode ser difícil se forem distraídos. Estes dois amigos não eram os únicos cágados-de-carapaça-estriada nos charcos da Longueira. Havia mais meia dúzia de outros cágados que foram desaparecendo aos poucos, à medida que os javalis, sacarrabos e garças iam visitando os charcos para se alimentarem. Ildefonso e Desidério foram dos poucos sobreviventes por serem mais astutos, aprenderam depressa a esconderem-se quando alguém os tentava comer e, quando estava muito frio, escavavam buracos fundos, em forma de frasco, para se protegerem.

Apesar de serem só dois naquele charco, os amigos conseguiram viver felizes durante a primavera. Brincavam muito às escondidas, para testarem as suas técnicas de camuflagem, e ainda conseguiam apanhar alguns raios de sol em cima das pedras na margem do charco. Já estavam tão treinados que, ao mínimo sinal de perigo, mergulhavam rápido nas águas pouco profundas do charco e recolhiam-se dentro das suas carapaça. Assim eram confundidos com pedras e ninguém os bicava ou agarrava. Quando tinham fome, não precisavam de se esforçar muito para encontrar alimento. É que nesta altura do ano os charcos estão cheios de girinos e larvas de insetos com as mais variadas cores e formas. Ildefonso e Desidério até faziam concursos de culinária com o alimento da época preferido - as larvas de mosquitos.

No início do verão, quando o calor começava a apertar e os charcos temporários começam a secar, Ildefonso e Desidério escavavam outro buraco para estivarem. Estivar é o mesmo que dizer que iam dormir uma sesta grande para evitar o calor da Costa Alentejana. Só voltavam a acordar com as primeiras chuvas de outono. E a aventura recomeçava: caçavam camarões-fada, jogavam ao “suponhamos”, aqueciam-se em cima das pedras, brincavam às escondidas, faziam concursos de culinária e escapavam a todos os ataques de predadores. Os anos foram passando... oito mais precisamente. Até que...

Numa manhã de primavera, enquanto jogavam ao suponhamos, Ildefonso diz: “suponhamos que há mais charcos além do nosso?” e Desidério responde: “...seria muito perigoso ir à procura deles” mas Ildefonso acrescenta: “suponhamos que há mais cágados-de-carapaças-estriadas nesses charcos?”... e Desidério não responde. Tinha medo de sair daquele charco, só se sentia seguro ali, com o seu amigo Ildefonso. De seguida instalou-se um silêncio profundo... ficaram os dois amigos a pensar. Desidério pensava como seria bom haver mais charcos na área envolvente àquele onde estavam. Como sabemos, os cágados não conseguem andar muito e são lentos. Desidério tinha medo de ser comido no caminho, não estava disposto a arriscar. Ildefonso pensava como seria bom encontrar uma namorada. Sonhava ter muitos filhos e trazê-los para o seu charco onde os podia ensinar a caçar camarões-fada, confeccionar larvas de mosquito, entre outras coisas. A vida naquele charco tinha sido muito boa para os dois amigos mas já estava a ficar aborrecida. Já era altura de cada um seguir o seu caminho à procura de uma namorada. É a ordem natural das coisas. Mas Desidério não sentia o mesmo que Ildefonso apesar de compreender o que o amigo sentia, ele sempre fora mais aventureiro. Confiante que tudo iria correr bem, Ildefonso despediu-se do amigo e, trincando mais umas larvas de mosquitos para o caminho, seguiu para Ocidente, que o mesmo é dizer que ia para o lado onde o sol se põe.

Ildefonso levou três dias e quatro noites a encontrar um charco, mas a viagem valeu bem a pena. É que Ildefonso encontrou o charco dos cardos-de-bicos-azuis, um dos mais bonitos que existia naquela zona. Teve sorte. Quer dizer, teve mesmo muita sorte porque entretanto apareceu a Renata, uma cágado-de-carapaça-estriada, de olhos azuis e dentes branquinhos. A Renata morava num charco mais para sul mas na primavera gostava de visitar o charco dos cardos-de-bicos-azuis por ser um charco muito bonito e na tentativa de encontrar alguém como ela para namorar. Assim, a Renata também teve a sorte de lá aparecer o Ildefonso. Tiveram os dois muita sorte de se encontrar. É que, como se sabe, esta espécie de cágados está ameaçada e existem poucos na Costa Alentejana.

Envergonhado, Ildefonso aproxima-se de Renata e apresenta-se. Renata retribui o cumprimento e ficaram imediatamente apaixonados. Agradecidos pela sua sorte de se terem encontrado no charco dos cardos-de-bicos-azuis, Ildefonso e Renata ficaram namorados e passaram o resto da primavera juntos. Faziam corridas por entre as flores, nadavam no meio dos cardos, escondendo-se atrás das pedras, davam-se pancadinhas com as carapaças, e ao entardecer.... Ah, esse era o momento mais bonito, pois iam os dois para cima de uma pedra maior que lá havia e ficavam juntinhos a ver o pôr do-sol. E nem precisavam de dizer nada um ao outro: eram felizes por se saberem ali, lado a lado, a olhar o pôr-do-sol na primavera, a sentir uma brisa fresquinha que vinha de mar e trazia cheiro a sal e a algas.

Quando a primavera estava quase a acabar, o Ildefonso sentiu saudades do seu amigo Desidério e dos buracos que escavaram para estivarem juntos. Renata, agora pronta para colocar os ovos - filhos do Ildefonso, só pensava na sua tia Abrantina, tia já idosa mas que a ia ajudar a cuidar dos ovos. E então, o Ildefonso e a Renata viram juntos mais um pôr-do-sol e, nessa noite ainda, partiram cada um para outro charco, sabendo que na primavera seguinte ali se encontrariam, o que os deixava muito felizes.

O Ildefonso fazia mais uma viagem de três dias e quatro noites até chegar ao charco onde se iria encontrar com o seu amigo. Desidério fez uma grande festa quando o viu e lá iam os dois caçar o petisco

que mais gostavam no início do verão: caracóis. Muito gostavam os amigos de comer caracóis juntos! E depois iam escavar os buracos enquanto falavam das aventuras que passaram. Quando o sol já ia muito alto e as temperaturas a subirem, lá entravam os dois amigos nos buracos, em forma de frasco, para dormirem mais uma longa sesta .

Com as primeiras chuvas de outono, Ildefonso e Desidério acordavam e davam uns passeios pelo charco que nesta altura já estava quase cheio, faziam umas corridas para ver se estavam em forma (o Ildefonso era um grande corredor e gostava de desafiar os coelhos que ali viviam para corridas de resistência). Assim que sentia um fresquinho maior, lá voltavam para cima das pedras para aquecer e continuar os jogos do “suponhamos”. Desta vez, foi a vez de Ildefonso começar: “suponhamos que já sou pai”... Desidério respondeu com muito entusiasmo “então esta primavera tens que ir buscar os teus filhotes e trazê-los para cá”.

Ora acontece que no início da primavera, quando o Ildefonso voltava ao charco dos cardos-de-bicos-azuis, para ver a Renata e os seus filhos, descobriu que o caminho estava diferente. Ali, onde antes havia plantas bonitas, estava agora uma estrada de terra batida. O Ildefonso sabia que atravessar estradas podia ser perigoso, pois por ali passam muitos humanos, às vezes em máquinas transportadoras grandes, mas não tinha alternativa: teria de a atravessar para o outro lado. Olhou para a direita, depois para esquerda, ajeitou os ouvidos a perscrutar se vinha alguma dessas máquinas e lá se aventurou a atravessar.

la mais ou menos a meio da estrada quando se apercebeu de uma nuvem de poeira ao longe, a aproximar-se a grande velocidade. Pensou em voltar para trás, hesitou um pouco, ficou parado sem tomar nenhuma decisão e, quando finalmente se resolveu a seguir o seu caminho até ao outro lado... era tarde de mais. A máquina transportadora, a que os humanos chamam carro, ali estava! Paradinha mesmo à sua frente. Lá de dentro saiu uma família: um pai, uma mãe e um rapazote.

- Olha que bicho tão bonito! - disse a mãe.

- É uma tartaruga! - respondeu o pai com ar sapiente, enquanto agarrava no Ildefonso e o virava para lhe contemplar a barriga. O Ildefonso, assustado, meteu-se dentro da carapaça. Teria querido dizer àqueles senhores que não, ele não era uma tartaruga qualquer, mas sim uma tartaruga de água doce mais conhecida como cágado. E um cágado-de-carapaça-estriada, bicho que já não há muitos. Mas o Ildefonso, embora percebesse a linguagem dos humanos, não era capaz de falar com eles, pelo que teve de ficar calado.

- Deve estar perdido! - vaticinou a mãe.

“Perdido, coisa nenhuma!”, gritava para si o Ildefonso: “ponham-me mas é no chão que eu quero ir para o meu charco ter com a minha Renata e conhecer os meus filhos!”. Mas infelizmente, como já sabemos, ninguém o ouvia.

- Então deixa-me levá-lo para casa! - disse o rapazote.

“Nem penses nisso!” pensava para si o Ildefonso.

Agora discutia a família os problemas de o levar para casa: “onde é que o púnhamos?” perguntava o pai. “Metíamo-lo dentro de um alguidar de plástico.” respondia o rapazote. “E isso não ocupava muito espaço?” questionava o pai. “Ficava a um cantinho na casa-de-banho.” “E a comida?” dizia o pai mais convencido. “Há daquelas comidas secas que se comprem nos supermercados; até há uma mais barata e ele não deve comer muito”. “E a tartaruga não cheira mal?” perguntava agora a mãe, franzindo o nariz.

O rapazote prometeu que mudava a água todos os dias. “Vá lá, pai e mãe, é a minha prenda de fim de férias e eu até me tenho portado bem”.

Os pais acabaram por ceder: “Levamos a tartaruga para casa!”. “Não, não me levem” protestava o Ildefonso. Mas de nada lhe valia. Fez uma viagem de carro, chegou à sua nova casa e foi colocado num alguidar de plástico com um pouco de água e uma planta, também de plástico, no meio. À tardinha davam-lhe um floco seco e mal-cheiroso de comida, que o Ildefonso só conseguia trincar porque estava cheio de fome. Os bons tempos tinham acabado. Não havia mais charcos, não havia mais caçadas de camarões-fada e conversas de “suponhamos” com o Desidério, namoros ao pôr-do-sol com a Renata, caracoladas e corridas, natações e mergulhos nos charcos temporários da costa alentejana, nem ia conhecer os seus filhos. A sua vida agora era apenas aquele bocadinho de água suja dentro daquele alguidar de plástico, naquela casa-de-banho onde nunca se via o sol e que estava quase sempre escura, apenas quando lá ia alguém é que acendiam uma luz artificial. A única ocasião em que tinha alguma atenção era quando o rapazote levava amigos a casa, pegavam nele e viravam-no de pernas para o ar. O Ildefonso mexia-se e remexia-se desesperado para voltar à sua posição e os rapazotes riam e riam, gozando com ele, quando não o atiravam a deslizar pelo chão, como se fosse uma bola.

Era muito infeliz o Ildefonso. Apenas a recordação da maravilhosa vida nos charcos atenuava essa infelicidade. Muitas vezes enfiava-se dentro da carapaça e, meio a sonhar meio acordado, imaginava-se de volta aos seus charcos, à sua natações, aos jogos do suponhamos e aos pôr-do-sol com a Renata, que era o que mais gostava de recordar. Imaginava como seriam os seus filhos, quantos eram e que cor de olhos teriam. Às vezes parecia mesmo que tinha voltado a esses belos tempos. Mas depois, quando dava pelo que lhe tinha acontecido, ficava tão triste que até lhe doía o coração. Ele bem que tentava escalar as paredes do alguidar para fugir, mas então, elas eram tão escorregadias que não conseguia saltar para o lado de lá. Por duas vezes ainda tentou a fuga quando lhe mudaram a água, mas foi apanhado ainda antes de sair da casa-de-banho. Parecia que tinha a vida destinada a ser passada ali, naquele alguidar, quando aconteceu uma mudança na vida do rapazote lá de casa.

É que quando chegava a noite, o rapazote, que se chamava Fábio, sentava-se ao pé do alguidar a pensar com um ar macambúzio. Fazia lembrar o Desidério nalgumas conversas sobre filosofia. A início, nada dizia, punha-se só ali a olhar para o alguidar e, sem se dar conta, a mexer com o dedo na água, fazendo umas pequenas ondinhas. Sorria tristemente para o Ildefonso; e o Ildefonso abria e fechava os olhos como que a dar-lhe ânimo. Ao fim de algum tempo o Fábio começou a falar com o Ildefonso. Primeiro apenas uns suspiros e conversa de circunstância, a seguir coisas mais sérias. Tão sérias que não conversava alto com ele, apenas murmurava para que ninguém mais o ouvisse: o Fábio confienciava-lhe histórias. Falava-lhe de uma rapariga chamada Inês de quem gostava muito. E o Ildefonso esticava a sua cabecinha bem para fora da carapaça, como se lhe desse grande atenção. Ficaram tão amigos que o Fábio o levou para o seu quarto; ao menos assim acabava aquela escuridão quase permanente da casa-de-banho. E os amigos do Fábio deixaram de o visitar, ou se o visitavam o Fábio não deixava que virassem o Ildefonso de pernas para o ar. O Fábio ia-lhe contando como a Inês era bela e feliz, tinha uma voz doce e melodiosa, era uma boa aluna e gostava muito de animais. Infelizmente, e era isso que atemorizava o Fábio, ela parecia não lhe ligar, não ter por ele aquela afeição especial. Quando escutava estas histórias, o Ildefonso lembrava-se da sua Renata e dos pôr-do-sol naquela pedra grande junto ao Charco dos Cardos-de-bicos-azuis e suspirava à maneira dos cágados. O Ildefonso bem que teria querido responder ao seu novo amigo, dar-lhe alento e conselhos, mas então, já sabemos que a sua voz não poderia ser escutada por um humano. Assim, limitava-se a ficar nas mãos do Fábio com a cabeça esticada e os olhos bem abertos, como quem diz “Se a Inês gosta de animais, porque não a trazes cá a casa?”.

E foi o que acabou por acontecer: certa tarde o Fábio levou a Inês lá a casa para lhe mostrar o Ildefonso. Vinham os dois com um ar envergonhado, o Fábio mais envergonhado do que a Inês, que não sabiam o que haviam de dizer. Então, o Fábio mostrou-lhe o alguidar e disse à Inês:

- A minha tartaruga.

A Inês olhou para o Ildefonso e disse, de maneira algo severa, ao Fábio:

- Não é uma tartaruga qualquer! É uma tartaruga de água-doce, conhecida por cágado-de-carapaça-estriada!

Depois falou-se quando e onde ele tinha sido capturado. A Inês explicou então que o Ildefonso não andava perdido coisa nenhuma. É que os cágados gostam de viajar, de andar de um sítio para o outro, de charco em charco à procura de namorada.

- Coitadinho! - lamentou, com ar severo e nada doce, a Inês, que acrescentou - Tens de devolvê-lo à Natureza. Esta é uma espécie nativa! É natural no nosso país, ao contrário daqueles que se vendem nas lojas de animais. Esses sim, podes ter um em casa e nunca deve ser libertado na natureza porque são exóticos.

- Exó...quê? - perguntou o Fábio espantado com o conhecimento que Inês possuía sobre a vida selvagem.

- Exóticos, são estrangeiros, vêm de outros países! E às vezes, quando são libertados na nossa natureza, fazem mal aos nossos cágados porque lhes roubam a comida, os lugares nas pedras para apanharem sol, os abrigos e até lhes podem comer os ovos.

O Fábio já só pensava na sua tartaruga e de como eram muito amigos. Acabou por dizer à Inês que precisava do Ildefonso para falar com ele, que sem o Ildefonso se sentiria sozinho.

- Falas comigo - disse-lhe a Inês mais baixinho enquanto lhe dava a mão - eu serei uma grande amiga tua, uma amiga especial. Comigo não te sentirás mais só.

O Fábio percebeu então que se era amigo do Ildefonso tinha de lhe dar a liberdade que ele precisava para ser feliz.

No dia seguinte foram todos - os pais, o Fábio, a Inês e o Ildefonso - para o local exato onde o tinham encontrado. A Inês, que gostava de passear pela natureza e percebia dos hábitos dos animais, procurou um charco. Era primavera e os charcos estavam ainda com alguma água. Encontrou ali perto um belo charco, cheio de cardos azuis. A família estava impressionada com a beleza daquele local.

O Fábio olhou fixamente para o seu amigo uma última vez, fez-lhe uma festinha na cabeça que estava bem fora da carapaça e pô-lo juntinho à água.

- Adeus! - despediu-se o Fábio, quase com uma lágrima no olho.

- Deixa estar - disse-lhe a Inês -, poderás cá voltar para ver o Ildefonso. Pelo menos estarás aqui perto de onde ele vive, e isso é a melhor maneira de estarem juntos.

E o Ildefonso lá nadou até ao outro lado do charco. Sobre uma pedra maior estava a Renata, como que a esperá-lo. E juntos ficaram, em silêncio, a ver o pôr-do-sol, que era hora do bonito acontecimento diário.

E foi assim que o Ildefonso voltou para os seus charcos na Costa Alentejana e finalmente pode conhecer os seus filhos.

Ainda no outro dia fui dar um passeio para o pé desse charco dos cardos azuis. Era primavera. Numa pedra vi dois grandes cágados-de-carapaça-estriada e muitos pequeninos. Reconheci imediatamente o Ildefonso, a Renata e os seus filhotes. Não muito longe estavam dois jovens, de mão dada, a contemplar o sol que mergulhava no mar. Sorriam, apaixonados. Percebi que eram o Fábio e a Inês.